



UNICAMP

EVENTO: PINA BAUSCH TRAZ SEU TEATRO-DANÇA AO PAÍS

VEÍCULO: O ESTADO DE S. PAULO

DATA: 15.08.97

PÁGINA: D-4

SEÇÃO: CADERNO 2



DANÇA

Pina Bausch traz seu teatro-dança ao País

Municipal do Rio vai abrigar, de 22 a 31, a ópera 'Ífigênia em Tauris' e o espetáculo 'Cravos'

HELENA KATZ

Especial para o Estado

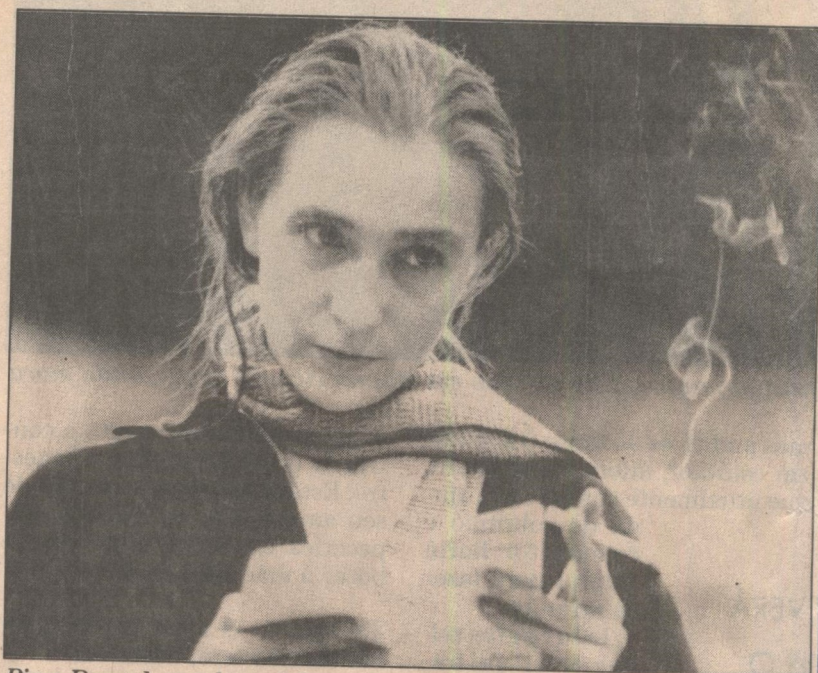
Pina Bausch chega ao Brasil amanhã. Sua companhia apresenta, somente no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, dois programas diferentes: a ópera *Ífigênia em Tauris*, de Gluck, entre os dias 22 e 24, e o espetáculo *Cravos*, nos dias 27, 28, 29 e 31.

Esta é a terceira vez que o Tanztheater Wuppertal nos visita e a primeira (e talvez a última) que traz essa ópera. Os papéis principais de *Ífigênia em Tauris* foram criados por dois veteranos, Dominique Mercy (Orestes) e Malou Airado (Ífigênia), que atualmente atuam apenas como convidados na companhia. Como anunciaram o desejo de parar e Pina considera-os "autores" dos papéis, não sabe se conseguirá substituí-los. Caso não consiga, optará por não mais apresentar a obra.

Não há outra artista, nas artes cênicas, que, como ela, tenha sido tão contaminadora. Aos 57 anos, construiu um modo assinado de produzir dança. Dissolveu os habituais

entendimentos sobre os limites entre a dança e o teatro, inaugurando uma espécie nova, que o mundo ainda não decidiu se chama de dança-teatro ou de teatro dançado.

Ela nasceu em Solingen, na Alemanha, em 27 de julho de 1940. Estudou na mais impor-



Pina Bausch: em busca de uma dramaturgia própria para a dança

tante escola moderna do seu país, a Folkwang, em Essen, na época em que Kurt Jooss ainda a dirigia. Lá, conviveu com a herança dos mestres do expressionismo (Laban-Wigman-Leeder). Com eles, recuperou Noverre, o

mestre de todos os que se preocupam com as questões da expressividade em dança.

Jean-Jacques Noverre (1727-1810) consolidou, no século 18, um modo de fazer balés que recebeu o nome de *ballet*

d'action (balé de ação). Nos tempos de Noverre, a dança precisava resolver como contar suas histórias, isto é, como desenvolver uma dramaturgia própria, diferenciada da do teatro.

Seus bailarinos, entre os quais se destacam duas brasileiras, Regina Advento e Ruth Amarante,

não exibem o virtuosismo habitual avaliado pela quantidade ou velocidade de piruetas. Fazem aula de balé clássico, sim, mas precisam saber construir movimentos distantes do clichê. Às vezes cantam, às vezes choram, gritam, falam, atiram-se, despem-se, vestem-se, sobem pelas paredes ou nadam sem água. As imagens que Pina Bausch coleciona sempre desconcertam.

Quem entende dança apenas como uma forma de distribuir passos pelo pulso da música usando corpos bem treinados encontra muita dificuldade em abrigar a obra de Pina Bausch debaixo desse conceito. Quando reduz o teatro a uma oralização interpretada de textos, idem.

Porque, nestas três décadas e meia de atividade, Pina Bausch vem construindo o ideal novoriano: uma dramaturgia própria para a dança. Com ela, a expressividade em dança ganhou outro alcance.

**ESTA É A SUA
TERCEIRA
VISITA AO
BRASIL**